



Comitê de Representantes

Aprovada na 1143ª sessão

ALADI/CR/Ata 1141
28 de março de 2012
Horário: 11h02m às 11h36m

ATA DA 1141ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

Despedida do Comitê de Representantes ao Excelentíssimo senhor Embaixador Gonzalo Rodríguez Gigena, Representante Permanente do Uruguai.

Preside:

CASSIO VITALE MANUEL LUISELLI FERNÁNDEZ

Assistem: Guillermo Daniel Raimondi, Gustavo Constantino García e Sergio Luis Iaciuk (Argentina); Salvador Ric Riera e Jenny Encinas (Bolívia); Otávio Brandelli e Henrique Choer Moraes (Brasil); Juan Eduardo Burgos Santander e Constanza Alegría Pacull (Chile); María Clara Isaza Merchán e Luz Marina Rivera (Colômbia); Carmen Zilia Pérez Mazón e Lisset Fernández García (Cuba); Emilio Rafael Izquierdo Miño, Gustavo Anda Sevilla e Adolfo Blum Montero (Equador); Cassio Vitale Manuel Luiselli Fernández, Dora Rodríguez Romero e Jorge Fernando Anaya González (México); Alejandro Hamed Franco, Raúl Cano Ricciardi, Elizabeth María Rojas Arteta e Octavio Ferreira Gini (Paraguai); Aída García Naranjo Morales, Jorge Tello e Ricardo B. Romero Magni (Peru); Gonzalo Rodríguez Gigena, Linda Rabbaglietti, Ivannah Garelli Ruggia e Mario Américo Ferrari Bianchini (Uruguai); Julio Chirino Rodríguez, Luis Alejandro Sauce Navarro e Cecilio Crespo (Venezuela); Digna M. Donado (Panamá); Maurizio Gelli (Nicarágua); Daniel Guerrero Taveras (República Dominicana); John Biehl del Río (OEA).

Secretário-Geral: Carlos Alvarez

Subsecretários: César Llona e Pablo Rabczuk.

Convidados especiais: Ana Inés Shaw; Diana Shaw; Belela Herrera Sanguinetti, Ex-Vice-Chanceler do Uruguai; Silvia Blanco, Silvia de Simone e Álvaro Duce, funcionários da Representação Permanente do Uruguai junto à ALADI.

PRESIDENTE. Bem-vindos a esta sessão extraordinária 1141ª, na qual o Comitê de Representantes se despede do senhor Embaixador Gonzalo Rodríguez Gigena, Representante Permanente do Uruguai.

O Embaixador Gonzalo Rodríguez incorporou-se ao Comitê de Representantes em 24 de outubro de 2005, na 913ª sessão extraordinária do Comitê. Agora, corresponde a dura e difícil despedida.

Particularmente, é um privilégio muito especial presidir o Comitê para despedir um amigo querido e, sobretudo, respeitadíssimo. Falo primeiro como colega, colega da ALADI, e também como amigo pessoal, que sou, de Gonzalo.

Como colega da ALADI, todos vamos lembrar sua experiência, sua capacidade, sua generosidade de buscar sempre os pontos de encontro, os pontos para poder seguir adiante e avançar. Lembro e compartilho às vezes seu desespero, porque certas coisas que tinham que sair não saíam e trancavam. Mas Gonzalo sempre era um ponto de diálogo, uma referência para todos nós, e dialogar com ele muitas vezes nos enriqueceu, nos fez aprender muito, sobretudo mover para frente nossa ALADI.

A mistura insubstituível de talento, experiência, vontades, amor pela camiseta, pela camiseta latino-americana. O fato de que ele conhecesse profundamente o sul, MERCOSUL, e tivesse uma claríssima experiência com o norte da região,

concretamente o México, serviu a todos porque podia entender e traduzir muitas mensagens, muitas formas de ser, falar e dizer.

Irá porque tem que ser assim, é muito doloroso a todos, uma referência da ALADI, um homem que deixou muitos de seus melhores anos nesta Instituição, o que lhe agradecemos muito. Portanto, é doloroso, mas me compraz o privilégio singular de despedi-lo nesta função, querido Embaixador.

Como amigo, tenho que falar também, porque tenho o prazer, o privilégio, de conhecer Gonzalo, e perdoem se me emociono, desde o início dos anos 70. Os anos 70 foram anos dolorosos para nossa América Latina. Foram os anos dos golpes de estado, das ditaduras e, por sorte e por fortuna, chegaram a meu país, o México, muitas pessoas extraordinárias, muitas. Viro, vejo e encontro de todos os nossos países. Recordo a fogosidade de Maria Conceição Tavares, a inteligência deslumbrante de Fernando Feinsilber, Rafa Roncagliolo, e podemos seguir com a lista.

Foram anos sumamente férteis no pensamento latino-americano. Havia uma certa ressonância com a CEPAL, e havia, no México, duas ou três instituições que, por sorte para elas e para os mexicanos, acolheram muitos latino-americanos. Uma delas foi o Colégio do México, que, em economia, debatia-se entre o rigor neoclássico, o neoliberalismo não havia nascido naquele então, e as posições mais heterodoxas; a UNAM, com um pensamento claramente marxista, muito fértil, muito rico; e o CIDE, que recém surgia no país, onde estavam, como eu, os heterodoxos de tudo, cambridgeanos, buscando uma terceira via, uma alternativa, mas o CIDE não se fechava às correntes marxistas nem às correntes neoclássicas e gerou uma escola de pensamento muito rica.

Aí Gonzalo foi muito importante. Lembro-me dele como um jovem inquieto, inteligentíssimo, discutidor, além disso, os temas que eu trabalhava nessa época, ele também trabalhava, e com excelência. Lembro-me de discutir com Alejandro Schecman, um queridíssimo colega boliviano-chileno, e foi feita sinceramente uma reflexão profunda sobre o campesinato e a agricultura latino-americana daqueles anos. Cantaram para mim as sereias da política, e parti um pouco cedo desse maravilhoso grupo do CIDE, onde Gonzalo fez contribuições muito importantes.

Como podemos definir? Primeiro, como sempre e basicamente, um homem de bem, um homem congruente. Se algo explica este Embaixador é sua congruência, pelos anos e anos. Por seu talento e sua generosidade, assim me lembro dele e assim voltei a encontrá-lo.

Despedimo-nos com um pouco de pesar, mas com muito afeto e gratidão do Comitê de Representantes, e dou as boas-vindas ao grupo de seus amigos de sempre, aos camaradas de sempre, porque certamente seguirão havendo jornadas de trabalho, e sua inteligência e seu talento seguirá enriquecendo todos nós. Então, despeço-me com calorosas boas-vindas. Obrigado por tudo, querido Gonzalo.

- Aplausos

... Ofereço a palavra ao Secretário-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, Presidente. Seguimos neste caminho - esperemos que se detenha - de lamentar perdas. Perdemos bons funcionários na Associação por questões orçamentárias e salariais, e por rigidez e normas diplomáticas perdemos, lamentavelmente, profissionais que têm ainda uma grande vida útil e muito para contribuir para este processo.

E devemos lamentar isso duplamente, porque essa massa crítica de talento, de profissionalismo e de compromisso não se constrói de um dia para o outro, e penso que Gonzalo Rodríguez Gigena é parte importantíssima, como vivemos e podemos constatar no MERCOSUL e na ALADI.

De uma geração de profissionais, de militantes, também devemos dizer, comprometidos seriamente, conscientemente, com preparação, com estudos, com capacidade analítica, para contribuir para este processo tão difícil que é a integração, como o vemos e podemos apreciar todo o tempo, que não é um processo linear, mas sim um processo com muitas idas e vindas, marchas e contramarchas. E se necessitam pessoas muito especiais para avaliar, para afirmar e manter este processo.

Gonzalo Rodríguez Gigena é uma das pessoas do Uruguai, que eu conheci aqui, digamos, de mais compromisso, de mais coerência, e também de valores muito firmes e muitos sólidos a favor de que este processo siga avançando. Então, vamos lamentar muito, Gonzalo, sua ausência.

Esperamos que continue trabalhando em alguma área vinculada à integração, porque necessitamos que toda sua experiência e seu conhecimento continue sendo dirigido a essa tarefa.

Desejamos muita sorte. Do ponto de vista pessoal, sabemos que tem, pela sua adorável mulher, que está aqui conosco; sua cunhada; Belela Herrera, uma grande amiga desta casa e uma grande amiga sua. Então, queremos desejar muita felicidade no plano pessoal e, profissionalmente, tomara que possa continuar contribuindo para este processo de integração.

Muita sorte, Gonzalo.

- Aplausos

PRESIDENTE. Agora ofereço a palavra ao senhor Representante Permanente do Uruguai, Embaixador Gonzalo Rodríguez Gigena.

Representação do URUGUAI (Gonzalo Rodríguez Gigena). Obrigado, Cassio. Chegou o momento, sorte que há amigos, porque é lindo vir a uma sessão para que falem como somos fantásticos, sempre é uma coisa à qual o ego agradece profundamente. Penso que a amizade e o carinho influenciam mais do que os méritos que me são atribuídos.

Senhor Presidente, senhor Secretário-Geral, senhores Embaixadores, Alternos, pessoal da Secretaria, colegas da Representação, minha família, Belela: agradeço muito por estarem aqui.

Esta é uma despedida um pouco particular, em geral as despedidas dos Embaixadores são de 4 anos, 5 anos, eu estou fazendo uma despedida de 22 anos. Estive vinculado a esta Instituição 15 anos como funcionário e 7 como Representante Permanente.

É difícil mencionar todas as pessoas que gostaria de mencionar, como se darão conta, em 22 anos são muitos, são muitas pessoas que conhecemos na Instituição. Tenho, sim, dois Presidentes aos quais quero agradecer por estar aqui, o Presidente Vázquez e o Presidente Mujica. Trabalhei com quatro Ministros das Relações

Exteriores, aos quais também agradeço, que foram Gargano, Gonzalo Fernández, Pedro Vaz; esses três acompanhados peça professora Belela Herrera, à qual tenho que agradecer particularmente por estar aqui, sei que ela foi a principal artífice de que eu, primeiro, fosse Diretor-Geral de Assuntos Internacionais da Chancelaria e, depois, Representante Permanente junto à ALADI. Consta-me o carinho que temos um pelo outro, e, realmente, para mim foi um orgulho que me aceitasse entre seus amigos e seus protegidos, coisa que agradeço profundamente, e que me ensinasse muito sobre direitos humanos.

E minha família, que me acompanhou neste processo. Como dizia Cassio, houve momentos de desilusão, momentos de certa proximidade com o desespero, e isso se reflete no humor. Passamos com os colegas de Representação 8 horas diárias, com a família as restantes 16, e, às vezes, é difícil deixar pendurados na porta de casa, quando chegamos, os maus humores fruto da gestão. Minha família, especialmente minha mulher, que há 50 anos compartilha sua vida comigo, ajudou-me muito nisso e se ocupou sempre de colocar um pouco de açúcar nos momentos amargos.

Também trabalhei com o Ministro Almagro, neste caso acompanhado do Subsecretário Roberto Conde. Trabalhei com oito Secretários-Gerais, com o senhor Bertaina, o senhor Ordoñez, Antonio Antúnez, Juan Francisco Rojas, com o qual compartilhei 12 anos nesta instituição, primeiro quando era Diretor-Geral de um Departamento e depois como Secretário-Geral, trabalhei com Didier Opertti, com o senhor Saguier, com Fernández Estigarribia e agora com Chacho. Em todos os casos, senti-me próximo de sua gestão e tratei de colaborar da melhor maneira possível. Cada um me deixou sua marca, que não é fácil de detalhar, mas levarei todos sempre na lembrança.

Inumeráveis Embaixadores vi nesta Instituição, porque rotam, e coube a mim compartilhar com muitos deles momentos de discussão, momentos de aproximação, muitas despedidas. De cada um, guardo uma lembrança.

O pessoal da Secretaria-Geral: eu estive 15 anos compartilhando atividades com todos. Desde trabalhos até campeonatos de futebol, então aí são gerados laços muito fortes e queridos. Especialmente, por razões de trabalho, tive muito contato com o Departamento de Informação e Estatística, aos quais incomodei permanentemente pedindo informações. E com o Departamento de Cooperação e Formação, que é um Departamento que ajudei a formar, alguns dos membros são da minha época, e penso que estiveram trabalhando muito bem e eu estive colaborando na medida do possível, desde a Representação, em tudo o que pude.

Aos companheiros da Representação. Com os companheiros da Representação sempre acontece algo particular, nós compartilhamos 8 horas diárias com os companheiros da Representação. Quando me nomearam Representante Permanente, eu podia conhecer mais sobre a ALADI que eles, mas eles conheciam a diplomacia e as relações institucionais e as competências de cada uma das Instituições, e, então, ajudaram-me de uma maneira indescritível. Linda, Ivannah, Mario, as duas Silvias e Álvaro são os que, neste momento, compartilham atividades comigo até a próxima sexta-feira.

Sempre na vida me correspondeu ter bons grupos de trabalho, felizmente. Na Universidade da República em Montevideo, no CIDE, como dizia Cassio, no México, e na ALADI primeiro e na Representação depois. Este grupo foi um desses grupos. Foi possível estabelecer confiança, colaboração, amizade e cumplicidades, coisa que não é fácil estabelecer. Quero destacar especialmente o apoio, o conselho, a indicação de diferentes pontos para mim de minha Alternata, Linda Rabbaglietti. E detalhes, detalhes

que os companheiros de trabalho têm às vezes. Sempre que eu chegava à Representação, o mate estava pronto, e quando era preciso tomar chá de tarde, porque se tomava mate de tarde não dormia, o chá sempre estava pronto (*risos*).

Agora, também devo destacar que se apresentam, em sete anos, inevitavelmente, temas difíceis, temas escabrosos, temas que podem provocar tensões muito grandes na atividade de uma Representação. Diferenças de opinião, que vão desde valores a pequenos detalhes. Penso que na Representação tivemos a sabedoria de esquivar esses temas escabrosos e difíceis. Porque os senhores saberão que na Representação há torcedores do Peñarol, e essas são coisas muito difíceis de manejar (*risos*). Então, há fanáticos, por exemplo, há um membro da Representação que buscou por dois anos um isqueiro que tivesse as cores do Peñarol, então podem imaginar o que é chegar todos os dias e ver o isqueiro em cima do escritório e não dizer nada. É um esforço realmente gigantesco que é necessário suportar todos os dias, no entanto eu me cuidei muito, e me cuidei muito, para não gritar “fora da copa, fora da copa”; e eles, por sua vez, se cuidam muito para não insinuar quando o Nacional perde do Peñarol.

Compartilhamos momentos de todo o tipo, e, nesses momentos, vai crescendo o carinho, carinho sempre permanente. Penso que vamos sentir falta uns dos outros no futuro, mas eu não estaria muito longe. Quero destacar uma coisa. Em geral, quando escrevi artigos ou livros, sempre tenho uma nota que diz as ideias são minhas, fulano me assessorou, mas os erros têm que ser atribuídos somente a mim; neste caso, a culpa dos erros que pude haver cometido têm os companheiros que não me avisaram a tempo que eu ia me equivocar, então fica clara a distribuição de responsabilidades.

Da família já falei, hoje me acompanha minha esposa, minha cunhada e Belela, que é da família.

E agora gostaria de mencionar algumas coisas sobre a integração. Este é um mau momento para a integração, não é um bom momento. Há dois excelentes documentos da ALADI, recentemente publicados. Um sobre o comércio intra-industrial e outro sobre o comércio intra-regional, que explicitam isso. Por exemplo, o comércio intra-regional está diminuindo como porcentagem do comércio total. Quer dizer que não estamos fazendo os suficientes esforços e deveres que nos correspondem.

No dever de minha atividade, deixo o estancamento da Conferência de Avaliação e Convergência. Fiz todos os esforços possíveis, mas não foram suficientes para que pudéssemos avançar nesse caminho. Penso que os intelectuais, as elites políticas, têm uma profunda responsabilidade neste fenômeno, nós temos uma profunda responsabilidade neste fenômeno.

Entre outras coisas, entregamos a teoria, falando em termos amplos, em particular em economia e em integração. Não soubemos interpretar a realidade para extrair da realidade as ideias de mudança mobilizadoras. Penso que é necessário voltar aos clássicos, voltar a Marx, voltar a Keynes, voltar a Kalecki, e elaborar teoria para o momento atual. E as crises criam a obrigação de elaborar teorias. O que se começou a chamar síntese neoclássica, e que 33 economistas de renome mundial, entre eles quatro prêmios Nobel, chamaram seu predomínio de época escura da economia, essa síntese enterrou o pensamento renovador e deu a base teórica para o neoliberalismo. Não falarei de neoliberalismo e de seus fracassos. Todos os conhecemos. Mas não fizemos teoria alternativa, quantificamos empiricamente de maneira incansável os descumprimentos e injustiças das políticas neoliberais, e a CEPAL, neste sentido, é uma referência inestimável.

Mas não soubemos construir as ideias para derivar as políticas e mover o homem por trás dessas políticas. A CEPAL foi muito promissora no pós-guerra, mas não pôde com o embate acadêmico dominante dos neoclássicos e dos neoliberais, e os homens em geral são prisioneiros da cultura de seu tempo e do que aprendem.

Falando em termos amplos, as cabeças heterodoxas com rigor, com valentia acadêmica, com valentia pessoal, capazes de viver no isolamento teórico são poucas. Não soubemos construir uma cultura alternativa, e as grandes mudanças sociais surgiram de utopias de alguns homens que souberam interpretar da realidade as tendências de progresso da humanidade e enquadrar detrás delas as maiorias.

Talvez a diferença mais de fundo entre a esquerda e a direita é que a esquerda não acredita que a história determine veredictos finais, momentos da história que se convertem em finais, etapas que se tornam inalteráveis, até aqui chegamos, e nada daqui em diante vai mudar, eternas. Todo ponto de chegada é um ponto de partida e a sociedade é mudança permanente.

O capitalismo devia estar sustentado por um acordo básico, o conjunto da sociedade e suas regras outorgam a um setor dessa sociedade a capacidade de definir o futuro da produção, outorga o excedente, para que isso seja investido, incorporando tecnologia, aumentando a produtividade, e permitir com isso aumentar os salários de maneira correspondente e que se espalhe sobre a sociedade esse benefício.

Os setores empresariais em nossos países da América Latina não cumpriram seu papel e, em muitos casos, estão dificultando a integração. Como dizia José Miguel Insulza na recente reunião convocada pelo Secretário-Geral, “não pudemos avançar em três terrenos fundamentais para a integração: a supranacionalidade, as compensações aos atrasados e a solução de controvérsias”. Teremos, dentro de poucos anos, 200 bilhões de dólares de comércio intra-regional e não temos um sistema de solução de controvérsias. E os partidários da integração, tal como a concebemos, não souberam criar a utopia, as ideias geradoras de movimentos sociais, agora é o momento de fazê-lo.

Estamos em um momento de crise, sinceramente em meus 70 anos de vida nunca havia visto se juntarem terremotos, tsunamis, dificuldades no Meio Oriente desse calibre, problema das radiações solares e das radiações emitidas pelos acidentes, a dívida europeia, a Grécia, a debilidade econômica dos Estados Unidos, a Líbia, a Síria, o meio-ambiente; realmente a quantidade de coisas que estamos enfrentando é assombrosa. Mas esses vão junto com uma enorme transferência do poder mundial.

Agora, isso pode apresentar uma vantagem para nós, porque quer dizer que estamos fora do radar. A América Latina, pela primeira vez, está no radar do positivo, e como está no radar do positivo, os que estão em crise, e foram sempre os beneficiários do sistema, não nos têm em seu radar neste momento. É o momento de animar-nos a fazer experimentos, a fazer experiências e a criar nossa teoria e a seguir adiante de uma vez. Temos que fazer nossos ensaios, se não os fizemos, o que podemos esperar de nossos povos a não ser impaciência? Penso que nós provocamos a impaciência dos povos.

Desde a Carta Magna do século XII que enfrentou um setor da sociedade inglesa com seu rei até a declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, fomos incorporando na letra direitos políticos, sociais, mas não econômicos. Devemos transformar essas novas experiências políticas da América Latina em novas

sociedades, que esses direitos comecem a ser efetivos e não deixá-los que se convertam em mais um desses esporádicos impulsos populares que não são nada além de impulsos.

E isso é nossa responsabilidade, responsabilidade dos intelectuais, responsabilidade das equipes dirigentes e de seus representantes, que são os Embaixadores, não devemos amedrontar-nos com os obstáculos. Para todos os saltos históricos, foi necessário dobrar a mão de alguém, e o próximo salto histórico certamente terá, entre seus custos, a necessidade de dobrar a mão de alguém. Mas o homem deve seguir adiante de maneira infatigável com sua aventura, deve manter seu sonho de desenvolvimento e integração com justiça e liberdade. Deve sonhar, como disse John Lennon, podem dizer que eu sou um sonhador, mas não sou o único.

“Ja Johechajeyta che irũ iruera”, “Até sempre meus amigos”, “hasta siempre”.

- Aplausos de pé
- Entrega-se a bandeja de recordação
- Fotografia com os Representantes Permanentes

Encerra-se a sessão.
